

A doença do presidente: ainda há muito a ser esclarecido.

O presidente Tancredo Neves teve pneumonia no pulmão direito, quando ainda estava em Brasília; sua saída da sala cirúrgica na primeira operação foi retardada em duas horas, porque a temperatura ambiente estava bastante elevada, os batimentos cardíacos chegaram a 160, foram muitas as dificuldades respiratórias e havia secreção pulmonar; a certeza de que o material extraído na primeira cirurgia era um leiomioma (tumor benigno), e não o divertículo de Meckel, veio apenas com o resultado do exame patológico, concluído há dez dias, quando então o diagnóstico definitivo foi passado para o prontuário.

Esses e outros pontos que ainda estavam obscuros sobre o tratamento do presidente Tancredo Neves no Hospital de Base, e foram manipulados pelo governo e pela família do presidente eleito na divulgação para o público, poderão ser definitivamente esclarecidos oficialmente em duas próximas oportunidades. Os médicos do Hospital Distrital de Base estão aguardando, até ansiosos, que o Conselho Regional de Medicina os convoque para esclarecimentos e solicite uma vistoria do prontuário: aí teriam uma oportunidade de ampliar a divulgação das provas sobre a correção dos procedimentos médicos adotados em Brasília. A segunda oportunidade surgiu ontem, quando alguns parlamentares vinculados à Comissão de Saúde manifestaram o desejo de convocar todos os médicos que trataram do presidente Tancredo Neves para prestar os esclarecimentos que os deputados julgarem

necessários, em sessão secreta da Câmara.

A mais nova crítica, feita aos médicos brasilienses é do diretor da Divisão Clínica Radiológica do Hospital das Clínicas de São Paulo, Alvaro de Magalhães, para quem a morte do presidente foi precipitada pela cirurgia feita em Brasília. Se a primeira operação tivesse sido feita em São Paulo, segundo ele acredita, o desfecho seria outro. A equipe brasiliense recusou-se a discutir esta opinião, ontem, alegando que o diretor da Clínica Radiológica não viu o paciente no pré-operatório, não o examinou antes da cirurgia, não participou da mesma e não acompanhou o pré-operatório da primeira fase. Quanto à modéstia do Hospital de Base, também alegada pelo diretor, os médicos comentam que dos aparelhos utili-

zados no presidente, no InCor, o HDB não possui apenas a gama-câmara, e que há casos que os aparelhos não resolvem.

Dois erros?

Outras questões graves, entretanto, que ainda permanecem obscuras, os médicos responsáveis pelos boletins de Brasília querem esclarecer apenas oficialmente. O doutor Renault de Mattos Ribeiro foi até mesmo ríspido: "Vocês querem erro médico, e como não houve erro médico, não tenho nada para falar" — disse ele, antes mesmo de saber qual seria a pergunta do repórter. O doutor Pinheiro Rocha pediu para não falar agora, pois sua mãe está na UTI do Hospital de Base, vítima de um segundo enfarte, e está concentrado nisto.

Mas outros médicos que estiveram próximos do presidente identificam dois erros, todos de comportamento e todos pré-operatórios: não haverem revelado ao público o real estado de saúde do presidente, que estava com uma infecção brutal que impediria até o toque do abdômem, e não terem obrigado o presidente a se submeter à operação na quarta-feira, 72 horas antes de a infecção haver chegado ao ponto que chegou.

O presidente lutou até o fim para não se operar, foi para o hospital porque o enganaram, informado que ia apenas tomar soro, e quando viu que não tinha mais jeito ainda tentou convencer os médicos, segundo os que o ouviram: "As cinco da manhã vou para casa, tomo um café, visto um terno,

discurso 15 minutos e desço a rampa do Palácio mais depressa do que Figueiredo quer descer, voltando correndo para operar". Ainda depois de concordar, saindo para a sala cirúrgica, o presidente advertiu: "Tem certeza do que está fazendo, doutor Renault?"

O tumor benigno retirado na primeira cirurgia não era sésil (uma bola que apenas tange o intestino) era pediculado (compõe a alça do instestino). Desta forma, o quadro infeccioso nele localizado também tinha contato com a alça; tinha sinais de necrose em cima e, por pediculado, podia tanto ser o divertículo, como o leiomioma, como um leiomiosarcoma, as três suposições que constaram do prontuário. Somente depois, há dez dias, o diagnóstico definitivo entrou para o prontuário do presidente. Este prontuário é que poderá esclarecer que desde o início a situação era gravíssima: os intestinos nunca funcionaram bem, o presidente esteve sempre na UTI, jamais os médicos falaram em alta, as febres e os batimentos cardíacos sempre foram elevados, sempre houve secreção pulmonar: houve pneumonia.

"Se o caso não fosse gravíssimo, qual médico insistiria numa operação 12 horas antes da posse, com os chefes-estrangeiros já presentes, e com um risco de pelo menos 10% de se fazer uma laparotomia branca (se a infecção fosse não cirúrgica)?" — perguntam os médicos. O caso ainda é delicado, mesmo com o presidente já enterrado, e eles não querem identificar-se.

Só a família saberá qual o resultado da autópsia

O professor Thalles de Brito, que recolheu amostras dos vários órgãos de Tancredo Neves durante a autópsia, disse ontem que vão passar-se mais de sete dias até que fiquem prontos os resultados dos exames. Explicou que a bateria de exames é bem maior do que a que se fazia em vida, e para cada órgão, como rins, fígado, pulmões e outros, foi feito um exame macroscópico durante a autópsia. Foram recolhidas ainda as amostras para

o exame anatomopatológico, que mostrará a existência ou não de toxinas, de processo infeccioso, de lesões, mesmo em órgãos que não estavam comprometidos pela moléstia.

Ainda segundo o professor Thalles de Brito, da Universidade de São Paulo, esses exames são usuais para todo e qualquer óbito ocorrido no Instituto do Coração após uma cirurgia. Disse que mensalmente o professor Adib Jatene reúne os médicos

do instituto e, em conjunto, é feita uma análise de cada óbito, à luz das informações do laudo laboratorial. Isso será feito também em relação a Tancredo Neves, garante o professor Thalles de Brito, mas nem as conclusões dos laudos nem mesmo as dessa análise posterior serão divulgadas.

É que, no entender do especialista, os resultados desses exames constituem segredo médico e, assim, o laudo final, para

cuja redação já foram convidados a participar médicos de fora da instituição, será entregue diretamente ao superintendente do Hospital das Clínicas, que, por sua vez, deverá encaminhá-lo à família de Tancredo Neves ou aos médicos por ela indicados. O professor Thalles de Brito tem tanta convicção sobre a necessidade do segredo que, mesmo se eventualmente autorizado a divulgar o laudo pelo superintendente do HC, não o faria.